

ção de Antônio Carlos Fontoura, produção Mapa Filmes/Grande Sociedade; *A Vida Provisória*, direção de Maurício Gomes Leite — Tekla Filmes/Saga Filmes/Luís Carlos Barreto/J. P. Produções Cinematográficas.

Filmes brasileiros inéditos até 18 de outubro, e ainda sem Certificado de Exibição Obrigatória: *Um Diamante e Cinco Balas*, direção de Líbero Luxardo — Líbero Luxardo Produções Cinematográficas; *A Doce Mulher Amada*, direção de Ruy Santos — Ruy Santos/Royal Filmes; *O Estranho Mundo de Zé do Caixão*, direção de José Mojica Marins — Produtora e Distribuidora Cinematográfica Ibérica; *Um Homem e sua Jaula*, direção de Fernando Coni Campos — Fernando Campos Produções Cinematográficas; *Rifa-se uma Mulher*, direção de Célio Gonçalves, Produções Cinematográficas; *O Tesouro de Zapata*, direção de C. Adolpho Chadler — produção C. Adolpho Chadler/Roberto Ribeiro / Pacce / Atlântica Cinematográfica.

Outros filmes que receberam Certificado de Exibição Obrigatória: *A Verdade Vem do Alto e Arigó*, ambos produzidos e dirigidos por Virgílio T. Nascimento.

INC e INL: Prêmios

O Instituto Nacional do Livro criou um Prêmio anual de grande significação com o objetivo de distinguir o melhor roteiro cinematográfico baseado em obra de autor brasileiro: o Prêmio Roquette Pinto. Inicialmente terá o valor de NCr\$ 5.000, mas a revisão periódica prevista manterá seu nível igual a 50 vezes o maior salário-mínimo vigente no País.

Em contato com o General Umberto Peregrino, Presidente do INL, o Secretário-Executivo do Instituto Nacional do Cinema, sr. Antonio Moniz Vianna, comunicou a disposição desta autarquia em prestigiar a iniciativa do INL. Será automaticamente aprovado pelo Instituto Nacional do Cinema todo projeto de produção de filme baseado em roteiro premiado pelo INL, com

base no fundo de financiamento proveniente dos descontos sobre remessas de rendimentos para o Exterior. Os realizadores desses filmes receberão do INC prêmio especial, desde que seus trabalhos sejam fiéis aos roteiros premiados.



Errata: a foto da capa de FILME CULTURA n.º 10 mostra Norma Bengell e Jardel Filho em *Antes, o Verão*, dirigido por Gerson Tavares; e não cena de *Amor e Desamor*, filme do mesmo realizador.

Registros

Franchot Tone

Os últimos filmes de Franchot Tone exibidos no Brasil deram uma impressão disforme do ator que ele foi: correto, elegante e de um "charme" pessoal, como raramente se vê na tela. Era o tipo do intérprete que não empolgava multidões, do artista que sempre perdia a garôta no final da história, mas que marcava sempre com uma presença irrepreensível a sua participação.

Como a maioria dos galãs de seu tempo, fez a escalada da Broadway, antes de enfrentar os refletores dos estúdios. Foi mesmo um ator que não passou em brancas nuvens pelo perímetro teatral, deixando um nome e uma presença que seria sempre requisitada todas as vezes que o ator se achava livre dos compromissos cinematográficos. Com isso, Franchot Tone, embora preso a Hollywood por mais de duas décadas de trabalho ininterrupto, encontrava sempre uma oportunidade de voltar ao teatro. Sua estréia em Hollywood foi discreta e deu-se no filme *The Wise Sex* (1932). Mas logo depois, à aproximação de Joan Crawford, sua futura esposa (mais tarde somente amigos) levou-o a uma série de filmes juntos, desde a *Today we Live/Vivamos Hoje*,

Dancing Lady/Amor de Dançarina (1933), *Sadie McKee/Três Amores* (1943); *No More Ladies/Adeus, Mulheres* (1935), *The Gorgeous Hus-sy/Mulher Sublime* até *Love on the Run/Do Amor Ninguém Foge* (1936), no qual perdia Crawford para Clark Gable, e *The Bride Wore Red/Felicidade de Mentira* (1937), perdia definitivamente a esposa na vida real para mais um dos pretendentes da trepidante estrêla.

Após ter contracenado com as melhores contratadas da Metro, Franchot Tone, trabalhou em outros estúdios ao lado de Bette Davis, em *Dangerous/Perigosa* (1935), e de outras artistas de renome, entre as quais, Katharine Hepburn em *Quality Street/Rua da Vaidade* (1937).

De sua filmografia destacam-se algumas excelentes interpretações: *They Gave Him a Gun/O Mundo Ensinou-me a Matar* (1937), a história cruel e amarga de um soldado que, voltando da guerra, tornava-se gangster ante os olhos desajustados de uma sociedade que ignorava o que se passou lá fora. Embora um outro ator da categoria de Spencer Tracy, estivesse no filme, foi Franchot Tone quem teve as honras da produção. A sua presença em *Three Comrades/Três Camaradas* (1938), extraído da novela homônima de Erich Maria Remarque, foi outra das boas interpreta-

ções do ator. Viriam depois a série de filmes inexpressivos na qual o intérprete seguia as regras do cinema-indústria, até que, em boa hora, Robert Siodmak entregou-lhe o papel principal de *Phantom Lady/A Dama Fantasma* (1944) — o estudo de um assassino psicopata.

Daí por diante, Franchot Tone sempre intercalou o cinema com o teatro. Quando não tinha um filme, refugiava-se no palco, geralmente, em peças que lhe davam mais compensação artística do que êxito financeiro. A sua última grande aparição na Broadway, em 1963, foi um sucesso: O diretor portorriquenho José Quintero reapresentando "Strange Interlude", de Eugene O'Neill, confiou-lhe o papel principal, cercando-o de um "supporting cast" como há muito não se via em Times Square e no qual se destacavam os nomes de Geraldine Page, Betty Field, Ben Gazzara e Jane Fonda.

As últimas aparições cinematográficas de Franchot Tone foram marcadas pelo mal incurável que ele combatia há alguns anos de maneira pertinaz. Primeiro, em *Advise and Consent/Tempestade sobre Washington* (1962), sob a direção de Otto Preminger e no qual fazia o papel do Presidente dos Estados Unidos; depois, no elenco milionário de *In Harm's Way/A Primeira Vitória* (1965), do mesmo diretor, a doença já lhe consumia



Jean Harlow e Franchot Tone, no filme "Reckless".